

## Bancários se unem contra desmonte da Caixa

Fotos: Sérgio Cardoso



Empregados da Caixa denunciaram o avanço do desmonte da estatal após medidas do governo que comprometem o caráter público da Caixa e colocam em risco seu patrimônio, como a sinalização de venda de setores estratégicos. A ação sindical em Vitória se somou a outras no país, no dia 15 de março

**Página 03**

Falta de funcionários torna rotina cumprir hora extra no Banestes

**Página 03**

BB: mudança nas regras de seleção interna enfraquece política de combate ao assédio

**Página 05**

Previdência: só bancos serão beneficiados com capitalização, diz Maria Lúcia Fatorelli

**Página 06**

No 8 de março, mulheres lançam grito de resistência contra a retirada de direitos, pelo fim da violência e por justiça para Marielle

**Página 08**





## Circo de horrores

Passados nem três meses de governo, Bolsonaro já coleciona crises. Diferente da campanha eleitoral, quando podia manter sua metralhadora apontada para todos os lados, agora Bolsonaro é vitrine e tudo que faz ou fala carrega o peso da faixa presidencial.

O escândalo iniciado com Fabrício Queiroz e a filha personal nem tinha esfriado quando veio à tona denúncia envolvendo candidatas laranjas do PSL e dois importantes ministros – Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral da Presidência) e Marcelo Álvaro Antônio (Turismo). O “Laranjal de Bolsonaro”, como o caso ficou conhecido, levou à queda de Bebianno e ameaça a permanência de Antônio na pasta.

Com difícil relacionamento na Câmara e no Senado, o presidente que condenava as negociatas da velha política liberou, três semanas após apresentar a reforma da Previdência ao Congresso, um bilhão de reais em emendas aos parlamentares – medida que nega ser para facilitar o trânsito do projeto.

Nesse meio-tempo teve ainda “Golden Shower”, “Caixa-dois não é corrupção”, “menino veste azul e menina veste rosa”, “só há democracia se militares quiserem” e outros absurdos ditos pelo pró-

prio presidente ou pela equipe ministerial que aumentam o ruído sobre sua gestão.

Enquanto isso, na retaguarda, os militares estão prontos para agir a qualquer movimento em falso do presidente. São eles os responsáveis por conter até aqui os “deslizes” presidenciais. Com algum custo, convenceram Bolsonaro a ter um porta voz e passaram a controlar sua comunicação. Estão bem distribuídos em setores estratégicos como assessorias ministeriais, diretorias e conselhos de estatais como Caixa e Petrobras. Mas quem já passou por governos militares conhece as sombras que seus porões escondem e não querem voltar a vê-las.

O presidente caminha na corda bamba fazendo malabarismos com algo muito sério: os direitos dos trabalhadores. Por enquanto, não há escândalo ou crise que abale a unidade da direita em torno do governo, desde que ele consiga fazer as reformas econômicas que interessam ao grande capital, como a da Previdência e a liberação de recursos da educação e saúde para pagamento da dívida pública.

Os trabalhadores precisam fazer mais que denunciar as bizarrices desse circo de horrores. E para nós, o melhor palco são as ruas.

## Artigo

### Brumadinho: a história se repete em tragédias

Em 25 de janeiro de 2019 a sociedade é atingida por mais um crime da mineração cometido pela Vale. São mais de 300 vidas perdidas, em sua maioria de trabalhadores e trabalhadoras, 135 pessoas desalojadas e milhares de outras vidas destruídas pela lama. Há diversos elementos na investigação criminal que permitem apontar que a empresa era consciente do risco de rompimento. Estamos revivendo o amargo processo do Rio Doce e do litoral capixaba. O crime recorrente é um chamado à sociedade civil para rever o modelo de privatizações e de segurança das barragens e as políticas de direitos para as populações atingidas.

O MAB já constatou em sua história a estratégia das grandes corporações de atuar em conflitos socioambientais na individualização das problemáticas, como se a destruição das dimensões de vida, moradia, trabalho e meio ambiente, pudessem ser isoladas em pessoas, quantificáveis a curto prazo. Mais uma vez, a exemplo do passado no Rio Doce, as propostas indenizatórias buscam o não reconhecimento da empresa como responsável pelos danos. Impunidade corporativa.

E quem paga a conta? Além dos atingidos e atingidas da região, o povo brasileiro. Primeiro, porque falamos de uma empresa brasileira privatizada cujo processo representou a venda dos bens públicos a baixo custo. Depois, porque temos uma sobrecarga do sistema de atendimento público da saúde, defesa civil e Previdência, além do sistema de justiça.

Precisamos nos atentar para quem compõe o capital da Vale. Nos mais de 3 mil acionistas, a maioria são bancos como Bradesco, Banco Alemão, HSBC e fundos de Pensão como Previ. Precisamos com urgência discutir o que o capital financeiro e a busca por lucros tem feito com a continuidade da vida humana.

Tchenna Maso, coordenação do MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

# Dia de luta na Caixa denuncia desmonte privatista

Fotos: Sérgio Cardoso

## Os empregados da Caixa se levantaram mais uma vez em defesa do banco

Uma ação sindical na agência Beiramar, em Vitória, realizada na sexta-feira, 15, marcou um dia de luta nacional contra o plano de esvaziamento da Caixa que vem sendo implementado por Pedro Guimarães, presidente do banco, como parte da política de Jair Bolsonaro.

A mais recente investida de Guimarães foi orientar uma manobra contábil para reduzir o lucro da instituição financeira e enfraquecê-la frente ao mercado. A manobra mira justamente os processos de venda em preparação pelo governo, que incluem as áreas de seguros, cartões, assets, loterias e gestão do FGTS.

O plano é fazer a privatização da Caixa de forma fatiada, retirando parte significativa dos seus recursos e atribuições e passando-as ao setor privado.

A Caixa é o único entre os gran-



BANCÁRIOS SE CONCENTRARAM EM FRENTE À AGÊNCIA BEIRAMAR

des bancos brasileiros que, até o fechamento do jornal, não havia divulgado os balanços de 2018. A projeção era de que o lucro ficasse em torno de R\$ 15 bilhões, um recorde.

A diretora do Sindicato Renata Garcia falou sobre a importância da resistência da categoria para a manutenção da Caixa 100% pública.

“A privatização de setores da Cai-

xa enfraquece a empresa, que desde sua fundação vem servindo como alternativa de acesso da população ao sistema bancário, em especial para os mais pobres. A Caixa é guardiã de vários direitos dos trabalhadores e seu enfraquecimento interessa apenas ao sistema financeiro privado. Não podemos permitir que o desmonte da Caixa se concretize. Essa é uma luta que interessa a todos”, alerta Renata.

## Falta de funcionários assola agências do Banestes

Está cada dia mais difícil cumprir a jornada de trabalho no Banestes. É que a falta de funcionários tornou rotineiro o cumprimento de hora extra, seja para quem trabalha no atendimento ou nas áreas administrativas.

Em várias unidades, empregados cuja jornada termina às 16h estão fazendo pelo menos uma hora extra quase todos os dias. “Se não ficar não tem ninguém para terminar o atendimento” relata um caixa que trabalha em Vitória,

lembrando que quando a agência fecha, muitos clientes ainda aguardam para serem atendidos.

O Sindicato chegou a identificar agências em que empregados com jornada de seis horas estavam fazendo hora de almoço “preventiva”, caso fosse necessário estender a jornada de trabalho no fim do dia. Com isso, mesmo não concretizando a hora extra, os funcionários acabavam ficando 7 horas à disposição do banco.

Para o Sindibancários/ES, a redu-

ção do quadro funcional no Banestes é hoje o principal gargalo quando o assunto é condições de trabalho. O problema será pauta prioritária em reunião com novo presidente do banco, José Amarildo Casa-grande, confirmada para 20 de março.

“Na gestão anterior, em nome do lucro, o então presidente do banco suspendeu qualquer contratação. Paralelamente, tivemos um Plano de Demissão Voluntária que desligou cerca de 125 empregados só em 2018. Isso gerou dificuldades imensas nas agências. Pretendemos retomar a discussão das contratações com a nova diretoria e esperamos que a postura seja diferente”, afirma Jonas Freire, coordenador geral do Sindicato.



EM 2017, COM APOIO DO SINDICATO, OS CONCURSADOS FIZERAM ATO NO PALAS CENTER PARA PRESSIONAR CONTRATAÇÕES

## CORREIO BANCÁRIO

Informativo do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo  
Rua Wilson Freitas, 93, Centro,  
Vitória/ES - 29016-340  
Tel: (27) 3331-9999  
Colatina (3722-2647), Cachoeiro  
(3522-7975) e Linhares (3371-0092)

Coordenador Geral: Jonas Freire Santana  
Diretor de Imprensa: Carlos Pereira de Araújo  
Editoras: Bruna Mesquita Gati - MTb 3049-ES e  
Ludmila Pecine dos Santos - MTb 2391-ES  
Editoração: Jorge Luiz R. da Costa  
MTb 041/96-ES  
Impressão: Grafita - Gráfica e Editora  
E-mail: secretariageral@bancarios-es.org.br  
Tiragem: 7.000 exemplares  
Distribuição gratuita



www.bancarios-es.org.br

## CONTRIBUIÇÃO NEGOCIAL I

Devolução do valor referente à segunda parcela da PLR inicia em 15 de abril. O reembolso será gradativo.

## CONTRIBUIÇÃO NEGOCIAL II

Receberão o valor descontado na PLR todos bancários que fizeram solicitação de reembolso em 2018.

## BANCO DO BRASIL

Está aberta até o dia 29/03 a inscrição para delegado sindical do BB. A eleição será entre os dias 04 e 11 de abril.

# Santander exige CPA-10 de todos os empregados

A CPA-10, certificação tradicionalmente exigida para bancários que ocupam cargos gerenciais, passou a ser requerida pelo Santander para todos os empregados e sem respeitar o prazo estabelecido pelo Banco Central (BC).

A cobrança está vindo acompanhada de uma ameaça velada de demissão, o que tem causado clima de terror nas agências. “Quem não passar dentro de 90 dias vai rodar”, é o que diz um empregado sobre informação que circula nos bastidores do banco.

Atualmente, o Banco Central garante prazo de um ano para que o empregado que mudou de função consiga habilitação necessária às exigências do novo cargo (conforme artigo 3º da resolução 3158). “Se o banco exigir prazo menor estará descumprindo resolução do Banco Central e cometendo uma ile-



Fotos: Sérgio Cardoso

galidade. Vamos apurar para tomar as providências”, destaca a diretora do Sindibancários/ES Cláudia Garcia.

Para o Sindicato, a exigência

deve estar relacionada a uma reestruturação que pretende unificar as funções de caixa, agente comercial, coordenador de agência, gerente de Pessoa Física e assessor de Pessoa Física, transformando-as todas em gerente de negócios e serviços, com jornadas de 6 ou de 8 horas. A reestruturação estava prevista para março, mas foi adiada para o mês de maio. Se concretizada, o efeito imediato será o acúmulo de funções, mas não há informações oficiais sobre como se dará essa reestruturação.

“O banco não pode se utilizar de uma reestruturação futura para impor aos empregados uma certificação que a sua função atual não exige, ainda mais cobrando prazos menores que os legais para a habilitação desse profissional”, conclui a diretora, que pede que os empregados contatem o Sindicato para denunciar situações de ameaça.

## Bancários protestam contra demissões no Itaú

O mês de fevereiro foi marcado por protestos no Itaú. Trabalhadores do Rio de Janeiro e Espírito Santo fecharam agências contra as demissões que atingiram empregados nos dois estados. Ao todo, foram 63 demitidos, a maioria no Rio.

No ES os bancários retardaram até as 11 horas a abertura das agências Beira Mar, em Vitória, e Glória, em Vila Velha. O protesto foi no dia 20 de fevereiro.

O diretor Mário de Aquino Xavier destacou os impactos das demissões para a categoria. “Quem continua trabalhando fica com a corda no pescoço e vê suas metas aumentarem, junto com o estresse e o adoecimento decorrentes do acúmulo de trabalho. E a sensação nas agências é de que qualquer um pode ser o próximo”.

Mário lembra que a população



**DIRETORES DO SINDICATO PERMANECERAM EM FRENTE À AGÊNCIA PARA DIALOGAR COM A POPULAÇÃO E DENUNCIAR DEMISSÕES**

também é afetada. “O atendimento ao público fica comprometido. O banco se preocupa apenas com o lucro, sem qualquer contrapartida social por explorar a atividade bancária”.

As demissões ocorreram no mes-

mo mês em que o Itaú divulgou lucro de R\$ 25,7 bilhões em 2018, o que torna os desligamentos ainda mais injustificáveis. “Bancários não são apenas números e não podem ser descartados dessa forma”, diz o diretor Anderson Silva, o Sãozinho.

# Medida imposta por Bolsonaro favorece prática de assédio no BB

O presidente Jair Bolsonaro determinou a retirada da exigência do curso de Diversidade e Prevenção ao Assédio Moral e Sexual da lista de pré-requisitos ao cargo de assistente técnico do Banco do Brasil. Sem sequer dialogar com os empregados, o presidente do banco, Rubem Novaes, acatou o pedido. A mudança representa um grave retrocesso no combate ao assédio moral e sexual, que é uma das principais causas de adoecimento da categoria bancária.

O curso é um de vários sobre ética oferecidos pelo BB para a formação dos empregados e são utilizados como pré-requisitos para promoções internas. Além de abordar a equidade de gênero, o curso trata sobre prevenção da violência contra a mulher, assédio moral e sexual no trabalho.

“É no mínimo absurdo essa distorção da proposta do curso. Bancários e bancárias estão adoecendo com a sobrecarga de trabalho, a escassez de empregados e com a pressão diária

para bater metas. Quando o governo interfere dessa forma na gestão do banco, favorece a institucionalização da prática de assédio moral e sexual”, enfatiza o diretor do Sindibancários/ES, Thiago Duda.

O assédio sexual também está fortemente presente nas relações de

atinge principalmente as mulheres. É uma medida machista, homofóbica e que vai contra a proteção à saúde dos trabalhadores”, destaca a diretora do Sindibancários/ES, Evelyn Flores.

## AGÊNCIAS DIGITAIS

Com a expansão das agências digitais e a concentração das carteiras de clientes nessas unidades, houve um aprofundamento da prática de assédio moral no BB. Similares a centros de telemarketing, as agências digitais se tornam cada vez mais espaço de adoecimento dos bancários. Além de cumprirem jornada de trabalho exaustiva, os empregados vivem uma rotina de pressão para bater metas em vendas de títulos de capitalização, previdência, seguros e outros produtos bancários.

“O curso é uma conquista dos empregados na luta contra o assédio moral e sexual dentro do banco. A realidade do trabalho bancário é adoecedora. Não podemos aceitar tamanho retrocesso”, reforça Duda.



trabalho dentro do banco. Combater essa prática é uma das principais bandeiras das mulheres bancárias.

“O machismo fere e violenta as mulheres também no trabalho. No BB não é diferente. O fim da exigência desse curso é um retrocesso na luta das bancárias, uma vez que o assédio sexual

## Bancários querem BNB público e forte

Os bancários do Banco do Nordeste (BNB) organizam uma campanha de fortalecimento do BNB para fazer frente à política de privatização do governo Bolsonaro.

O Ministro da Economia, Paulo Guedes, já anunciou que as privatizações serão prioridade no governo. A posição foi reforçada pelo secretário especial de Desestatização e Desinvestimento, Salim Mattar, que afirmou que Bolsonaro pretende manter apenas a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e a Petrobras como estatais – embora com papel reduzi-

do, como sabemos.

O BNB é o principal fomentador do desenvolvimento rural e da pequena agricultura na região nordeste e demais áreas compreendidas pela Sudene – entre elas o norte do Espírito Santo –, sendo fundamental para o desenvolvimento socioeconômico da região. A fusão ou privatização do banco poderia reduzir as políticas gerenciadas pelo BNB, afetando milhares de pessoas.

Para Rita Josina Feitosa da Silva, presidente da Associação dos Funcionários do BNB (AFBNB), a luta dos empregados é para que, ao contrário

do que planeja o governo, o banco e sua função pública sejam fortalecidos. “Nossa campanha não é só pela manutenção do BNB, mas para que ele tenha condições de operar melhor, com agências mais estruturadas e com a capilaridade estendida para atender a quem precisa”, diz.

Quem quiser contribuir com a campanha pode assinar petição pública criada para mobilizar a luta em favor do BNB público. Basta acessar o endereço [www.peticaopublica.com.br](http://www.peticaopublica.com.br) e digitar na busca “fortalecimento do BNB”.

**Auditora fiscal e coordenadora da Auditoria Cidadã, Maria Lúcia Fattorelli, fala sobre a proposta de reforma da Previdência de Bolsonaro e a ameaça aos direitos dos trabalhadores**

## Diálogo

**Maria Lúcia Fattorelli**

# Reforma será o fim da aposentadoria

**As principais justificativas para a reforma da Previdência são a existência de déficit e o aumento da expectativa de vida da população, que tornariam o atual sistema insustentável. Existe de fato um rombo na Previdência?**

Não há déficit na Previdência Social! Conforme a Constituição Federal, a Seguridade Social engloba a Previdência, Assistência Social e Saúde. O art. 195 garante que a Seguridade será financiada pelos orçamentos fiscais da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos municípios e pelas contribuições sociais. O primeiro grande erro é desmembrar a Previdência da Seguridade e considerar só a contribuição de trabalhadores e empregadores.

De 1988 até 2015, as contribuições foram suficientes para cobrir todos os gastos da Seguridade. De 2005 a 2015, sobraram R\$ 1 trilhão de reais, considerando apenas as contribuições. Esse dinheiro foi des-

viado por meio das Desvinculações de Receitas da União (DRU) para outros fins, principalmente para pagar juros da dívida pública. A partir de 2016, as contribuições foram insuficientes. Mesmo assim não é possível falar em déficit, porque o art. 195 prevê a participação do orçamento fiscal, e é preciso considerar ainda todo dinheiro que a Seguridade transferiu para o orçamento fiscal até 2015.

**Por que a partir de 2016 as contribuições não foram suficientes?**

A crise que o Brasil enfrenta quebrou empresas, desempregou milhões de trabalhadores e jogou outros milhões na informalidade. O PIB em 2015 e 2016 caiu mais de 7%, um encolhimento da econo-

mia similar ao de países em guerra.

Mas essa é uma crise fabricada pela política monetária do Banco Central (BC), que, principalmente entre 2014 e 2016, praticou taxas de juros altíssimas e aceitou receber dos bancos todo dinheiro que eles não conseguiam emprestar. Em troca, o BC entregou títulos da dívida pública. O custo da remuneração desses títulos foi de R\$ 754 bilhões de dólares nos últimos dez anos. Um rombo! Ao aceitar esse depósito, o BC gera escassez de moeda no mercado. A indústria, o comércio, os pequenos empresários não conseguem crédito para alavancar o negócio, pois os bancos preferem lucrar com as remunerações do BC a correr risco com

**“Apenas os bancos serão beneficiados com essa proposta. Não há garantia de benefício aos trabalhadores, pois dependerá do mercado”**

empréstimos. Passam, então, a conceder empréstimo com taxa de juros de mais de 200% ao ano. Isso quebrou todo mundo. O setor financeiro lucrou com a fabricação da crise e lucra com as medidas adotadas para contorná-la.

**Quais são os riscos do modelo de capitalização proposto por Bolsonaro?**

Apenas os bancos serão beneficiados com essa proposta. Não há garantia de benefício aos trabalhadores, pois dependerá do mercado. Pode, por exemplo, chegar uma conta para pagar a fim de equilibrar o fundo em que houve o investimento. Muita gente está iludida ao achar que não será atingida pela refor-

ma. Mas todos serão. No Regime Geral atual o trabalhador e o empregador contribuem com a Previdência. No sistema de capitalização apenas o trabalhador irá depositar, e em uma conta própria. Os bancos vão cobrar a taxa de administração que quiserem e aplicar em que desejarem. Inclusive poderão jogar a papela da podre dos derivativos sem lastro para esses fundos. Não é a toa que quando a proposta da reforma foi apresentada, as ações dos bancos bombaram na Bolsa de Valores. Eles vão receber durante décadas, cobrando taxas que quiserem e sem compromisso com os trabalhadores.

**Os trabalhadores já aposentados também serão prejudicados....**

A capitalização irá comprometer também o pagamento do benefício de quem já se aposentou. Será um rombo na arrecadação, pois as empresas vão parar de contribuir em relação aos trabalhadores que forem para a capitalização, e o trabalhador contribuirá para a cota pessoal, e não para o INSS.

Além disso, muita gente esquece do amparo social que há por trás da Previdência, como os benefícios à gestante, ao trabalhador acidentado, pensão por morte e por invalidez. Tudo isso desaparecerá no regime de capitalização. Esse amparo que a Previdência garante aos trabalhadores foi conquistado com muita luta e não vamos entregar de graça. Precisamos nos empoderar e nessa luta os bancários são fundamentais. Esse modelo de banco que explora as finanças públicas, a sociedade, quebra as empresas ao exigir juros de mercado abusivo, também explora sua classe trabalhadora.



Sérgio Cardoso



ESPAÇO FUNCIONA DE SEGUNDA A SÁBADO



BAR DO LOCAL OFERECE VARIEDADE DE TIRA GOSTO

Fotos: Sérgio Cardoso

# Centro Sindical é espaço de diversão e integração da categoria

Esporte e lazer são garantidos aos bancários e bancárias capixabas no Centro Sindical da categoria. Localizado próximo ao Centro de Vitória, o espaço conta com churrasqueiras, campos de futebol e quadra poliesportiva. O Centro foi recentemente reformado e o bar está sob nova administração.

Aberto de segunda a sábado, o Centro Sindical é ponto de encontro de bancários e bancárias para a prática esportiva. Há dez anos, o grupo de bancários do Banco do Brasil utiliza o espaço para jogar futebol semanalmente.

“O dia a dia do trabalho bancário é muito cruel. Dentre nós, há vários gerentes de agência e aqui funciona como uma válvula de escape. É a hora em

que paramos, esquecemos um pouco da nossa rotina, e nos divertimos entre amigos”, conta o bancário Renato Miossi.

Depois do futebol, a galera também pode saborear os petiscos, salgadinhos e uma boa cerveja gelada no bar do local. “Aqui, os bancários sempre vão encontrar boa comida, bebida gelada, preço acessível, ambiente agradável e qualidade no atendimento. Esse é o nosso compromisso”, garante o novo administrador do local, Marcelo Brandão.

O Centro Sindical também é aberto para realização de festas e confraternizações. Bancários e bancárias sindicalizados têm desconto garantido para locação do espaço, dos campos e da quadra.

## OS VALORES DE LOCAÇÃO DO ESPAÇO

### CAMPOS DE FUTEBOL SOÇAITE

- Bancários sindicalizado\* – R\$ 80,00
- Bancários não sindicalizados e outros – R\$ 130,00

### QUADRA POLIESPORTIVA

- Bancário sindicalizado\*\* – R\$ 40,00
- Bancários não sindicalizados e outros – R\$ 65,00

\* / \*\* – Para ter direito aos descontos é necessário que as equipes tenham, no mínimo, 50% de bancários sindicalizados.

### CENTRO SINDICAL

Aberto de segunda a sexta-feira, das 17h30 às 00 hora e de sábado, das 7h30 às 14 horas.

**Endereço:** Rua Ithobal Rodrigues dos Campos 125 – Ilha de Santa Maria – Vitória/ES

**Mais informações pelo telefone 3331-9999**

## O QUE ELES E ELAS DIZEM

**AS GAROTAS DO VÔLEI** — O Centro Sindical é o ponto de encontro do time de vôlei das bancárias da Caixa. Duas vezes por semana, elas utilizam a quadra para treinar. “A localização é excelente e a quadra é muito boa. Com a nova administração do local, a limpeza melhorou muito. Esse é um espaço que incentiva a prática de esporte e contribui para a nossa integração, podemos conhecer pessoas de outras agências e áreas”, conta a bancária Lívia Lopes.



ISA MARIA RAMALHO

MARA MONTOVANI

LÍVIA LOPES

**A TURMA DO FUTEBOL** — Há cerca de 12 anos, um grupo de bancários do CPD do Banestes coloca a bola para rolar nos campos do Centro Sindical. “É muito bom ter um espaço como esse, perto de tudo, inclusive do trabalho. Nós já somos um grupo de amigos. É do trabalho para o futebol e daqui para o barzinho. Agora, com a nova administração do bar, tem tira gosto toda semana e cerveja sempre gelada. Está muito bom”, destaca o bancário Glauder Rodrigues.





**MARCHA TEVE HOMENAGENS A MARIELLE FRANCO. O PROTESTO PERCORREU A AVENIDA JERÔNIMO MONTEIRO E FOI ENCERRADO EM FRENTE AO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO, COM APRESENTAÇÕES CULTURAIS**

# 8M: mulheres são vanguarda na luta contra o retrocesso

Centenas de mulheres capixabas ocuparam as ruas do Centro de Vitória durante o 8 de março, em luta contra o retrocesso, a reforma da Previdência e a violência contra a mulher. O ato fez parte das atividades do Dia Internacional de Luta das Mulheres, que teve paralisações, greves e protestos em todo o mundo.

Neste ano, as mulheres também levaram às ruas um grito de justiça por Marielle, vereadora carioca cujo assassinato completou um ano em março.

O 8 de março é um marco de resistência das mulheres, como destacou a assistente social e integrante do Fórum de Mulheres do ES, Emilly Marques Tenório.

“Este é um dia historicamente

de luta. O capitalismo tenta desvirtuar a intencionalidade deste dia, nos dando presentes e flores. Mas nós viemos às ruas reafirmar o que queremos: respeito, nossos direitos assegurados, o fim da violência contra a mulher, a revogação da proposta da reforma da Previdência e o fim da reforma trabalhista”.

## MACHISMO QUE MATA

O 8 de março aconteceu em meio a casos chocantes de violência que ganharam destaque na imprensa estadual e nacional, como o de Jane Cherobin da Silva, espancada pelo namorado até perder a consciência e abandonada numa estrada em Dores do Rio Preto, região do

Caparaó capixaba. Somente em janeiro deste ano, 126 mulheres foram brutalmente assassinadas no Brasil. Os dados são da Comissão Internacional de Direitos Humanos. Entre os estados, o Espírito Santo fica em 1º lugar quando tratamos do extermínio de mulheres negras.

Na marcha, as mulheres reivindicaram políticas públicas eficazes para combater o feminicídio.

“A violência contra a mulher é estrutural e deve ser combatida com políticas públicas de prevenção, educação e de assistência às mulheres em situação de violência, e não maquiando esse cenário tão violento para nós”, enfatizou Emilly.

“**NESTE ANO**, as manifestações das mulheres começaram ainda no Carnaval, na maior festa cultural deste país, com protestos legítimos contra tudo o que este governo representa: o fascismo, o machismo, a lgbtqfobia e todos os retrocessos nas políticas públicas. Não vamos aceitar essas violências. No 8M mostramos nossa força. Sabemos que quando a mulher avança, o machismo retrocede”, disse Evelyn Flores, diretora do Sindibancários/ES.



## REFORMA DA PREVIDÊNCIA

A luta das mulheres trabalhadoras por direitos também foi destaque. A centralidade das críticas: a reforma da Previdência



## MULHERES INDÍGENAS E CAMPONESAS

também levaram suas bandeiras para as ruas da capital